



PERCEPÇÃO E MEIO AMBIENTE NO ACAMPAMENTO DOS SEM TERRA EM CAMPO DO MEIO - MG

Jonas dos Santos

Karina Pereira Salviano dos Santos

Pamela Silva Viana

Pedro Tamburini Gomes

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.”

Mahatma Gandhi

RESUMO

O trabalho desenvolvido nesse artigo consiste em analisar a maneira como os moradores do acampamento sem-terra, localizado na cidade de Campo do Meio – MG se relacionam com o meio ambiente e como são suas práticas cotidianas. Independentemente da situação política que envolve as áreas ocupadas, os moradores veem as terras como agricultáveis e usam os recursos naturais para o plantio e manterem sua subsistência. Muitas dessas áreas possuem nascentes, rios, topos de morro e outras áreas que seriam de preservação permanente; e por outro lado os acampamentos não possuem nenhuma estrutura para direcionar quaisquer medidas ecológicas ou sustentáveis; por isso o interesse em verificar a visão que os ocupantes dessas áreas têm a respeito do meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Acampamento Sem-Terra; Áreas de Preservação Permanente, Recursos Naturais; Subsistência.

INTRODUÇÃO

O acampamento dos sem-terra na cidade do Campo do Meio, no sul de Minas Gerais, iniciou no ano de 1997, com a ocupação de 50 famílias na antiga fazenda chamada Jatobá. Uma área de 900 hectares que era ocupada por uma usina de álcool chamada Ariadnópolis. A partir de então novos acampamentos foram feitos na região e o número de famílias aumentaram, em dados de 2010 vemos que havia pouco mais de 200 famílias nas áreas ocupadas, a maioria acampada na área da antiga usina.

Algumas áreas já foram regularizadas e os moradores hoje já contam com uma melhor condição nos assentamentos como, por exemplo, energia elétrica e saneamento básico.

A maioria das famílias ainda está em situação irregular e tentam se instalar de maneira permanente; porém essas famílias já moram no local, muitas de maneira precária, pois sem a terra estar devidamente regulamentada acaba por não receber nenhum tipo de estrutura ou serviço público.

Todos esses acampados têm como objetivo fazer uso da terra para tirar o sustento da família, ou seja, fazer uso da agricultura ou pecuária seu modo de sobrevivência, e mesmo sem que a terra seja oficialmente sua, os moradores já fazem suas plantações e criações, seja pra o consumo próprio ou para comercialização nas cidades vizinhas. Sem subsídios do governo para auxiliar nas plantações os acampados a fazem de maneira rustica; não há nenhuma técnica moderna como colhedeadoras, irrigação automática, adubação adequada ou controle de praga nas plantações, pois os moradores não conseguem financiamentos junto ao governo e nem auxílio de profissionais especializados.

Sendo assim o presente trabalho pretende verificar como é feito essas plantações e qual a forma que esses moradores lidam com o meio ambiente. Afinal, sem uma assistência dos órgãos governamentais e sem estrutura eles não possuem serviços básicos como água encanada, saneamento básico ou coleta de lixo. Por fim, o objetivo do trabalho é entender a percepção dos acampados com relação ao meio ambiente e como essa dinâmica se dá no cotidiano.

Lembrando que não se temos nenhuma pretensão em entrar em nenhuma questão política dos assuntos em relação às áreas ocupadas, não menosprezando a importância do assunto, mas deixando para novos trabalhos que certamente farão a exploração dessa questão.

METODOLOGIA

O trabalho foi feito com a coleta de informações que existe referente ao acampamento e da região em questão. Houve uma pesquisa de campo onde foi feita a entrevista com um total de 20 famílias, essa visita na área do acampamento aconteceu nos dias 26/04 e 24/05 de 2015, a fim de uma aproximação com as informações sem desvios ou formalizações, para obter a real percepção do morador referente as questões ambientais. A operacionalização da pesquisa seguiu as recomendações de Whyte (1977) para os trabalhos de campo, técnica está baseada em três tipos de procedimentos: perguntando, ouvindo e observando, juntos integram o triângulo metodológico.

Foi utilizado o roteiro de entrevista para nortear as discussões e analisar a percepção a respeito das questões ambientais. Entretanto, a entrevista poderia seguir sem necessariamente estar na ordem prevista.

ENTREVISTAS

Para conhecer a percepção ambiental das pessoas que moram no acampamento foi feito uma pesquisa de campo para conhecer os moradores e a região do acampamento. Foi feita uma entrevista com o total de 20 famílias, escolhidas à esmo, e aplicado um questionário simples e de fácil entendimento, contendo a maioria das perguntas abertas para que as incitassem a falarem sobre sua relação com a terra em que vivem.

As perguntas do questionário foram:

1. Nome, escolaridade e número de filhos.
2. Quanto tempo vive no acampamento?
3. Origem familiar, rural ou urbana?
4. Participa ativamente da luta junto ao MST?
5. Qual relação com os centros urbanos mais próximos?
6. Como faz para atender suas necessidades de saneamento básico e eletricidade?

7. Quais culturas cultivam?
8. Qual sua relação com o meio ambiente? Percepção sobre preservação e degradação.
9. Como é o uso com a água? Origem e cuidados com a água.
10. Como é a vida no campo? Como se sente em contato com a natureza?

Para facilitar as informações obtidas vamos unir as questões em apenas 3 propósitos, sendo estes:

1. A identificação do acampado;
2. Modo de vida e práticas no campo
3. O entendimento sobre meio ambiente.

Logo mais, serão apresentados os resultados obtidos através da pesquisa de campo, detalhada em cada um desses 3 propósitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

As abordagens com foco na percepção ambiental segundo o CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente - norteiam a relação dos seres humanos com o ambiente, sob o ponto de vista da subjetividade. Dessa forma é importante salientar que cada indivíduo percebe o espaço ao seu redor com uma visão diferente do outro, e é assim que os estudos perceptivos se fazem presentes, pois há a necessidade de entender o espaço em que o homem habita para tentar solucionar problemas de uma comunidade.

A percepção ambiental é utilizada para a realização em diversas áreas do conhecimento: para medir a satisfação da população em uma determinada área, suas expectativas acerca de tal assunto, os anseios, os sentimentos de alegria e tristeza por habitar tal lugar. A percepção ainda pode ser utilizada para estudar as alterações que o homem realiza no mundo.

Segundo Faggionato (2009, apud Haubricht; Fiorini, 2014, p.248 – 256) percepção ambiental é uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, pelo ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo.

Para compreender as diferentes visões e relações do homem e meio ambiente os conceitos de percepção, atitude e valor foram empregados, sendo que:

A percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, no qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados; a atitude é considerada primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo, a partir de uma sucessão de experiências (percepções) que depende de uma atividade valorativa atribuída. (Tuan, 1980, apud Miranda; Souza, 2011, p. 171 – 186).

Para Christian Linck da Luz (2012, p. 64) as percepções são subjetivas, podendo variar de indivíduo para indivíduo, mas as representações sociais de lugar e de território, criadas por cada grupo, revelam o modo como se vive e se planeja o espaço numa relação dialética entre o espaço do político, o território e o pensamento sobre esse espaço.

Segundo Dardel (2011, apud Luz, 2012 p. 68) uma questão pertinente quando estudamos a percepção é o sentimento de pertencimento a paisagem. Essa posição nos conduz a uma sensibilidade, uma reconciliação do homem com a natureza.

A percepção ambiental se faz necessária no âmbito em que influência outros tipos de vivências de ordem concreta, o que justifica o seu estudo no campo ambiental, pois ela conduz o sujeito a adotar determinadas atitudes e valores em relação ao meio ambiente. (Miranda; Souza, 2011, p. 173).

Para Oliveira (2002, apud Aleixo; Neto, 2011, p. 196) a percepção é a apreensão de uma qualidade sensível, acrescida de uma significação, como uma qualidade essencial e não apenas um acréscimo, está intimamente ligada e subordinada às condições limitativas da proximidade no espaço tempo.

É importante salientar que a percepção ambiental é necessária nos estudos geográficos para entender a relação do homem com o meio, e seguindo como orientação essas definições

apresentadas por estudiosos das pesquisas fenomenológicas, a pesquisa se desenvolveu até chegar a seu objetivo específico.

CARACTERIZAÇÃO DA AREA

A cidade de Campo do Meio foi elevada a categoria de município pela Lei nº 336, de 27 de dezembro de 1948, na época foi desmembrado da cidade de Campos Gerais. O topônimo teve sua origem no fato de haver vários campos com nomes diversos: Campos Gerais, Campo das Flores, Campo Redondo e Campo Alegre. O nome foi dado aquele em que se implantou a povoação devido à sua posição central em relação aos demais

A cidade está localizada no sul de Minas Gerais, com área de 273,8 km², possui altitude máxima de 1,083 metros acima do nível do mar e altitude média de 780 metros.

Sobre o histórico de formação do município, sabe-se que em 1906, Manoel Alves de Azevedo, João Batista da Rocha, Antônio Marques do Nascimento e Persiliano Marques doaram terras de uma antiga fazenda para formar o patrimônio de um arraial, sendo estes os primeiros moradores e fundadores do local.

Doados os terrenos, os próprios doadores se encarregaram do desenvolvimento do lugar, construindo a primeira capela dedicada a N.Sra. Aparecida, e, como de tradição, outros moradores foram se instalando e construindo suas moradias. Mas o grande incentivo ao desenvolvimento municipal foi o incremento à atividade agrícola, com o aproveitamento da fertilidade do solo, depois consolidado pela evolução do setor industrial. Campo do Meio encontra nas riquezas agrícolas e na pecuária a base de sua atual economia.

O clima da cidade é ameno com todas as estações do ano bem definidas, favorecendo assim o planejamento das culturas agrícolas e o turismo durante todo o ano.

- Índice médio pluviométrico anual: 1592,7 mm
- Média anual: 19,6 °C

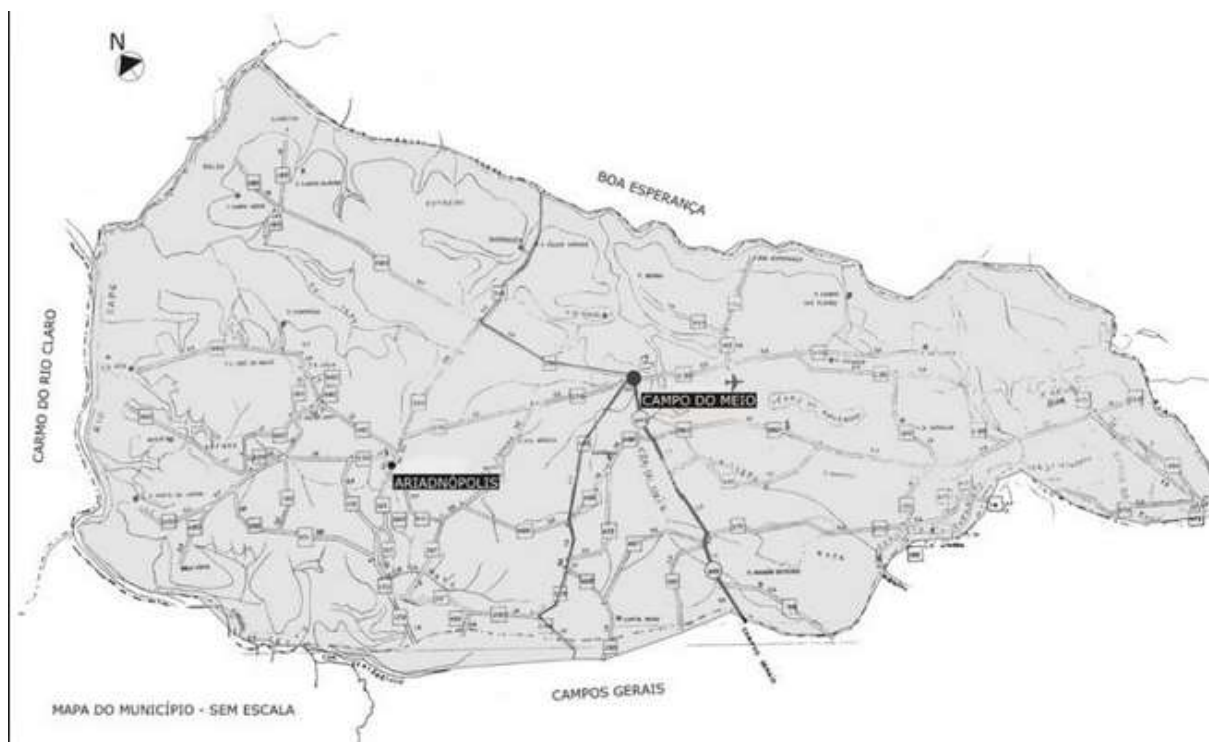
Os rios que circundam o município fazem parte da Bacia hidrográfica do Rio Grande - Termina no lago de Furnas, cuja nascente é na Serra da Mantiqueira em Bocaina de Minas e percorre 1.300 km até encontrar o rio Paranaíba, formando o rio Paraná. Os principais rios e córregos são: Córrego Pedra Branca, Ribeirão do Sapé e Represa de Furnas.

A parte mais baixa de Campo do Meio era banhada pelos ribeirões Sapê, Taboão e Águas Verdes. Com a instalação da barragem de Furnas as águas do rio Grande aumentaram seu volume e seus afluentes espalharam-se nas baixadas, o que deu ao município um imenso lago, cinco vezes maior do que a lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte.

Sobre a morfologia do relevo, Campo do Meio apresenta 70% de planícies, 20% do relevo ondulado e 10% montanhoso; sendo assim, com a maior parte da cidade com relevos mais planos faz com que o município seja favorável ao plantio de diversas culturas.

O solo é Predominante do tipo Latossolo Vermelho Escuro com textura argilosa, isso favorece determinadas culturas no setor agrícola; atividade econômica predominante na cidade e também na região.

As principais culturas cultivadas são: Café, cereais, leguminosas e oleaginosas, arroz, cana-de-açúcar, cebola, feijão, milho e tomate, mas essas culturas são desenvolvidas por pequenos e médios produtores, já o grande produtor da região se rende a cultura cafeeira assim como todo resto da região sul de Minas Gerais.



Mapa 1. Município do Campo do Meio-MG destaque para localização da antiga usina Ariadnópolis.

Sobre a área da antiga usina Ariadnópolis, sabe-se que ela existe desde meados de 1896, e posteriormente a instalação da usina se forma o vilarejo que futuramente tornou-se a cidade de Campo do Meio. Por muito tempo a usina foi próspera para seus proprietários e funcionários, mas devido a fatores desconhecidos se instaura um processo de declínio a partir da década de 70. Em 1990 a usina fora vendida ao Grupo Vanguard, que reduziu funcionários e área plantada e desativou a produção do açúcar, conduzindo a quebra após 1993, quando de sua última safra. A proprietária da usina, Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA) decreta falência em 1996, assinalando o marco final das atividades. Com o encerramento de suas atividades deixou cerca de 300 funcionários desempregados e as terras devolutas, que até hoje são litigiadas por integrantes do Movimento dos sem-terra. Por estes impactos sociais e financeiros com dívidas contraídas, a cidade de Campo do Meio, favorecida por muitos anos, vivenciou falta de crescimento e sente, ainda, os impactos do desfecho fatídico.

FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO DO ASSENTAMENTO

A luta pela terra é algo tão antigo quanto à chegada dos portugueses ao Brasil, sendo retratada em diferentes épocas, por diversos atores sociais, mas com o predomínio das mesmas injustiças, tendo o principal agente opressor o capital. Ao defrontar-se os distintos interesses, numa escala de poder, os conflitos são evidentes, e gerados por 3 ideais, sendo do estado, grandes latifundiários e os sem-terra.

A concentração de propriedades fundiárias acopladas à modernização da agricultura, sendo o termo utilizado para o último "Revolução Verde", obtém maior expressão após a década de 1960, fazendo surgir um elevado êxodo rural, acarretando diversos problemas de âmbito ambiental e conseqüentemente social, sendo o objetivo desta tecnologia de ponta, um vasto aumento na produção agrícola.

O principal agente lesado no decorrer da história do país, sempre se enquadrou numa parcela social vulnerável as atrocidades impostas pelo capital, e as políticas públicas que são voltadas aos interesses daqueles que possuem um maior poder aquisitivo. Com isso, no transcorrer do tempo, pode-se apontar grupos que lutaram pela terra e, por conseguinte amargaram a negação da mesma, inicialmente os indígenas, passando pelos escravos, os posseiros, arrendatários, pequenos proprietários e trabalhadores rurais sem-terra e urbanos.

Segundo Andrade (1980), o problema da terra é um dos principais problemas que entravam o desenvolvimento do país; sendo assim, a reforma agrária tem como medida promover a melhor distribuição da terra, a fim de atender aos princípios de justiça social, se baseando na viabilidade econômica, sustentável, ambiental e territorial, se integrando num projeto nacional de desenvolvimento.

As leis que são idealizadas a dar acesso à terra, sempre foram excludentes, deixando uma grande parcela restrita, ou seja, existe uma alta concentração fundiária e uma má distribuição de terras, gerando desigualdades e conflitos.

A primeira ocupação do MST no sul de Minas ocorreu na cidade de Campo do Meio, onde os trabalhadores sem-terra se mantêm resistentes às pressões, tendo a terra como ambição nessa luta. Essa ocupação ocorreu no início de 1997 para mais tarde se consolidar como assentamento, e ser batizado pelo nome de Primeiro do Sul. De início, a ocupação se estabeleceu com 50 famílias numa área de 900 hectares, na antiga fazenda Jatobá, próximo do espaço onde fundaria o segundo acampamento.

O processo de conquista, até que se estabelecesse como assentamento, foi rápido e ao mesmo tempo intenso, ocorrendo em menos de 1 ano; atualmente é composto por 43 famílias, numa área de 888 hectares. O acampamento Girassol foi a segunda área a ser ocupada na cidade de Campo do Meio. Essa área se localizava na área da ex-usina de Ariandnópolis, formado por 150 famílias numa espaço de 300 hectares.

Um dia que nunca será esquecido pelas famílias acampadas, foi encenado dramaticamente as vésperas do natal, onde estas foram despejadas, num agressivo ato de desocupação praticado pela polícia, numa ação promovida pelo Latifúndio-Capital-Estado; sendo acolhidas pelo assentamento Primeiro do Sul, porém mais tarde algumas famílias retornarem a mesma área.

A formação do acampamento Vitória da Conquista, se originou por meio dos ex-acampados do Girassol, onde muitas famílias retornaram a cidade para iniciar uma nova conquista. Dessa vez, a ocupação ocorreu numa área de 300 hectares, com um número geral estimado de 50 famílias.

O ano de 2002, quatro anos após as duas últimas ocupações, foi de extrema importância ao movimento, a cidade de Campo do Meio começou a atrair olhares esperançosos; naquele ano aconteceria as eleições, e estava eleito o candidato a presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, o que gerou grande expectativa de uma reforma agrária. Ao todo 150 famílias participaram das ocupações, originando 5 formações de acampamentos, sendo eles: Tiradentes, Hebert de Souza, Fome Zero, Resistência e Chico Mendes. A partir do estabelecimento das ocupações nessa região, tal movimento começou a trazer preocupações aos grandes latifundiários, onde esses reagiram com ofensiva de reintegração de posse.

Quando houve o cumprimento do mandado de reintegração de posse da área do acampamento Tiradentes, o desfecho foi diferente, os acampados mantiveram resistentes as pressões impostas pelos policiais, missão que foi emitida pelos latifundiários. Conseguindo obter êxito nessa luta, os acampados fincaram a bandeira da conquista.

Após 3 anos desde a última ocupação, o acampamento Irmã Dorothy foi criado, por cerca de trinta famílias, numa área de 200 hectares e um ano depois, em 2006, foi concebido o acampamento Sydney Dias.

Em 2008, várias famílias chegaram à cidade com o intuito de agregar aos acampamentos existentes, mas o que aconteceu foi uma nova ocupação, agora uma área de 200 hectares, formando o acampamento Rosa Luxemburgo.

Como muitas das áreas ocupadas pertenciam a antiga usina, em 2008 representantes da Ariadnópolis firmaram alianças com o poder público local e atacaram de forma agressiva os trabalhadores sem-terra acampados, com um forte esquema policial, destruindo plantações, incendiando lavouras, com um objetivo definido, o cumprimento do mandato de reintegração de posse do acampamento Tiradentes e outros três acampamentos: Irmã Dorothy, Sydney Dias e Rosa Luxemburgo, que buscaram refúgio no assentamento Primeiro do Sul .

Conscientes de seu papel e sua importância aos caminhos que os levam a grande e tão almejada busca pela terra, e o poder em quebrar as regras impostas pelo capital, as famílias despejadas retornaram a cidade, e ocuparam outra área, levando o nome de Nova Conquista, representando uma realização, através da resistência e luta.

O assentamento Primeiro do Sul criado em Junho de 1997 atualmente está regulamentado por lei, depois de oficializadas as terras os benefícios começaram a surgir, hoje o assentamento possui um parque agroindustrial estruturado, empregando cerca de 163 trabalhadores, por meio de dois produtos de suas atividades, sendo o café e o leite.

Anualmente, são colhidas 1.500 sacas de café, e 6.500 litros de leite comercializados mensalmente, pelos trabalhadores do assentamento. Para uma melhoria na produção, o parque agroindustrial conta com um tanque de leite mantendo-o resfriado, na temperatura ideal, para mais tarde ser coletado pela Cooperativa de Cafeicultores de Campos Gerais e Campo do Meio. O assentamento conta também com uma máquina de beneficiamento de café; torrefador e uma máquina de moagem, sendo que o sistema torrefação e moagem ainda não estão legalizados, ou seja, não produzem para o comércio, apenas consumo próprio.

A área da usina possui uma extensão de 5000 hectares, com uma boa topografia, abriga cerca de 250 famílias distribuídas em 6 acampamentos. Desde sua ocupação houve conflitos entre os interesses, podendo identifica-los claramente, sendo os fazendeiros que utilizam a terra de forma indevida, e o poder judiciário, que insiste em não cumprir o papel jurídico-social. Com a distorção dos fatos ocorridos na área, os conflitos serão evidentes, e os acampados continuarão sendo injustiçados através de atos bárbaros praticados contra as famílias, sendo que essas aguardam ansiosas a reforma agrária.

DADOS CONCLUSIVOS

1. IDENTIFICAÇÃO DO ACAMPADO

O total foi de 20 famílias entrevistadas, porém muitas vezes o casal estava junto, ou algum outro membro da família e ambos falaram sobre suas vidas. A entrevistada mais jovem tem 21 anos de idade, Isabelly da Silva afirma “ser a mais jovem me traz ainda mais responsabilidade, pois nós jovens temos que tomar a frente na luta do MST”. O mais velho José da Silva tem 84 anos, e se alegra ao dizer que viverá muito mais. A maioria dos acampados está entre 40 e 60 anos, o que mostra que se trata de sujeitos experientes e com considerável acúmulo de vivência.

A grande maioria dos acampados entrevistados têm como origem as cidades do interior paulista, sendo citadas as cidades de Campinas, Sumaré, Hortolândia, entre outras, mas houve também que veio de São Paulo Capital, do interior do Paraná, interior da Bahia e também da Cidade de Paraguaçu, cidade mineira mais próxima de campo do Meio entre todas as citadas.

Otto Knupfer, acampado há dez anos afirma quando conta sua trajetória:

“Nasci no norte de Minas Gerais, área rural de Teófilo Ottoni, quando jovem fui tentar a vida em São Paulo, depois acabei morando muitos anos em campinas, onde criei meus cinco filhos. Me mudei para a cidade de Registro onde havia o movimento do MST mas acabou não dando certo, depois de mais alguns anos em campinas vim parar aqui no campo do meio, de onde não pretendo sair mais”

Mas ainda que viessem de cidades mais urbanizadas, 19 entre os 20 entrevistados afirmou que já tinha tido em algum momento um contato com vida rural, geralmente na infância, muitos deles deixaram as áreas rurais quando jovem para tentar a vida na cidade, sendo assim as atividades rurais já eram conhecidas pelos acampados. Maria Cícera, acampada a 2 meses é a única que nunca havia tido contato com o campo, declara ela ” sou da cidade de Campinas, nasce e cresci lá, estou aqui com meu esposo que já era do movimento MST”.

Os acampados na sua grande maioria têm baixo nível de escolaridade, alguns deles totalmente analfabetos, contrastando com 1 único acampado entrevistado que tem título de educação superior, farmacêutica de formação largou a vida urbana para ter uma vida simples no campo; Vera Macedo conta:

“Minas amigas dizem que sou louca, dizem que larguei tudo para vir pra roça. Fui proprietária de drogaria por 10 anos, mas é muito assalto, muita violência, como sou filha de agricultores já sabia como era viver a zona rural, não me arrependo de estar aqui, não sinto nem saudades”

Dos entrevistados 3 deles estavam no acampamento por aproximadamente 30 dias, eram recém-chegados, para todos os outros a média de residência é de 4,8 anos, alguns vivem no acampamento há mais de 10 anos. Isso mostra que a luta pela terra não é recente, e todos continuam participando ativamente da luta pela reforma agrária, com muita frequência ocorre encontros entre os organizadores do MST, os acampados e com alguns militantes políticos.

2. MODO DE VIDA DOS ACAMPADOS

No acampamento todos os entrevistados tem uma mesma queixa: a falta de energia elétrica. Sem poder ter uma geladeira para refrigeração ou uma televisão para a distração da família. Cada um deles acaba por dar seu próprio jeito para resolver isso, alguns possuem um pequeno gerador, outros usam baterias de carro ou até mesmo pilhas, geralmente para a prioridade que é simplesmente ascender uma luz. Aqueles que possuem celulares levam para carrega-lo no centro da cidade em campo do meio, e pagam uma taxa pelo serviço. A senhora Marlene acampada a 2 meses faz o seguinte desabafo:

"A necessidade aqui é muito grande, um chuveiro quente, uma televisão. Pra mim a noite é a pior parte, eu moro só, quando escurece vem o medo, pois aqui tem gente boa, mas tem gente ruim também [...] se tivesse a luz, o resto a gente corria atrás, eu acho ridículo não poder colocar a luz. ”

Outro fator que os liga aos centros urbanos mais próximos, como Campo do Meio, Campos Gerais e Alfenas, é a necessidade dos serviços de saúde pública, qualquer serviço como este se concentra apenas no centro da cidade de Campo do Meio que fica a alguns quilômetros de distância. Todos afirmaram que pelo menos uma vez por semana se dirige ao centro da cidade, na maioria das vezes para comprar algo de utilidade básica, como alimentos

ou produtos de higiene. Sobre essa necessidade desse contato com os centros urbanos afirma o senhor Severino José Silva, acampado há 2 anos:

"Quando precisamos de medico vamos para Campo do Meio que nos encaminha para Campos Gerais ou Alfenas, ontem para fazer curativo tive que ir a 4 postos de saúde um joga para o outro, muitos dos nossos medicamentos são ervas que plantamos, a prefeitura diz ajudar naquilo que pode, mas nunca pode, então dependemos da sorte."

Uma opinião unanime entre os acampados é a respeito da qualidade da água. Todos eles possuem poços para retirada de agua para todo o consumo de casa, alguns possuem uma bomba que puxam a água e armazenam numa caixa d'água para posteriormente redistribuir para a casa, outros pegam a água descendo um balde sobre o poço. Mas todos afirmam que a água é de ótima qualidade.

Quando se fala em saneamento todo também tem a mesma afirmação, construíram suas próprias fossas sépticas no terreno onde vivem, sempre com uma construção artesanal, foram encontradas também as chamadas casas de pau-a-pique, que são casas feitas de bambus e barro, feitas pelo próprio morador.

3. ENTENDIMENTO SOBRE MEIO AMBIENTE

Sobre as culturas mais cultivadas, todos afirmam em primeiro lugar cultivar para consumo próprio; hortaliças, raízes e frutas, os mais citados foram: mandioca, abóbora, chuchu, feijão, maracujá, laranja, alface e outras folhagens. Criação de pequenos animais para o consumo também é encontrado na maioria das casas, galinhas, patos, porcos e cabras, mas tem acampados como a senhora Raquel da Silva Teixeira, acampada há 3 anos que tem como objetivo apenas criação de animais, e não a lavoura como seus vizinhos.

Os acampados em sua maioria sabem da importância de cuidar do meio em que vivem, afirmam ter medidas para evitar a degradação, como nos exemplificou a senhora Josefa Dias da Silva acampada há 5 anos: "faço um produto com a urina da vaca para passar nas hortaliças, isso mata os insetos, os lixos recicláveis repasso para um vizinho que vende ou reutiliza, os orgânicos viram adubos e os outros, junto e levo até a cidade. " Josefa e seu companheiro ainda afirmam alertar os vizinhos para não fazer uso de agrotóxicos, pois temem a contaminação dos poços d'água; ainda assim há alguns acampados que fazem o uso desses

venenos, como nos declarou Davi Ribeiro, acampado há 8 anos: "se eu não usar nada de agrotóxico a plantação não rende, mas tento usar o mínimo possível".

Alguns acampados invadiram algumas casas abandonadas bem próximo a antiga usina, mas simplesmente para fim de moradia, por serem casas de alvenaria, pois para plantação eles tem que ir para uma área mais afastada, pois reclamam sobre a poluição local causada pela usina, Dorival Siqueira da Silva, acampado a 1 ano e meio diz: Na área da antiga usina o ambiente é poluído, a usina aterrou muito lixo e a água daquela área não serve nem para irrigação, chega a ter cor escura.

Vera e Mizael falam da importância do reflorestamento de árvores nativas na região, e dizem que gostaria de conseguir mudas para que eles mesmos plantassem essas árvores. Essa mesma preocupação é lembrada pelo acampado Maciel Rodrigues acampado há 7 anos: "tem uma nascente logo abaixo, não tenho mudas para reflorestar a área e proteger a nascente". Isso mostra que essas pessoas por mais que reconhecem algumas medidas de preservação tem um limite em que esbarram, como por exemplo, não terem essas mudas para o reflorestamento, ou então a falta de coleta de lixo, obrigando cada um a resolver tais problemas como podem.

Todos eles têm o mínimo de consciência da importância da preservação e dos cuidados que devem ter com a natureza, isso porque o contato é direto e qualquer degradação que acontece eles são os primeiros a serem afetados, o senhor Severino fez a seguinte afirmação se referindo à seca dos últimos meses em vários lugares do país: "O meio ambiente não é só para mim, é para todos. Se o meio ambiente está do jeito que está não é castigo de Deus, e sim consequência da destruição causada pelo próprio homem".

Uma opinião é unanime entre todos os entrevistados quando questionados sobre a qualidade de vida, e quando questionado sobre como se sente morando na área rural; todos afirmam gostar muito, e não economizam nos adjetivos para qualificar a cotidiano que vivem; segurança e tranquilidade foram os mais citados, mas Maria Cícera que nunca havia morado em área rural lembra o valor da terra: "tudo o que se planta nasce, muito dos nossos alimentos vem desta terra. Gosto daqui". A senhora Marlene também fez sua declaração: "sinto muita paz em viver aqui, apesar do desconforto não pretendo voltar a viver na cidade, aqui é uma maravilha; você colher um cacho de bananas, ter uma horta, amanhecer o dia pegar ovos do galinheiro, alimentar os animais, tudo isso é ótimo".

Todos gostam da vida no campo, e obstante das dificuldades encontradas nenhum deles cogitaram a ideia de voltar para as grandes cidades, lutam pela terra exatamente por saber o valor que ela tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção ambiental que foi encontrada entre os acampados foi positiva. Mesmo com as diversas limitações, sejam intelectuais ou materiais eles tem um entendimento satisfatório do uso consciente dos recursos naturais e dos cuidados com a terra e sua importância coletiva.

Quando questionado sobre o meio ambiente os acampados de início se sentem inibidos, mostrando a falta de conhecimento técnico sobre o assunto, mas logo mostram que tem alguma sabedoria sobre a importância de medidas para a preservação do meio ambiente; medidas simples e conhecimentos passados de geração a geração é o que guia o comportamento dessas pessoas.

Podemos dizer que existe uma consciência coletiva de que os alimentos orgânicos são mais saudáveis e por isso a grande maioria dos entrevistados não usa agrotóxicos ou quando o fazem usam aqueles tidos defensivos naturais, que não prejudicam o meio, da mesma maneira de alguma forma todos sabem sobre alguma coisa sobre as queimadas ou desmatamentos, aquilo que é tido como certo ou errado faz parte do comportamento de cada um deles quanto as questões do meio ambiente.

Por estarem em contato direto com os recursos naturais essas pessoas sabem o valor que tem o pedaço de terra, a água limpa e o ar puro. E mesmo sem nenhuma instrução técnica cuidam muito bem do meio ambiente, até porque utilizam seus recursos em pequena escala, apenas para retirar à quantidade necessária para ter uma boa qualidade de vida, porém simples.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Natacha Cintia Regina; NETO, João Lima Sant'Anna. Percepção e riscos, abordagem socioambiental do processo saúde-doença. **Rev. Mercator**, Fortaleza v. 10, n. 22, p. 191 – 208, mai./ago. 2011.

CÍCERA, Maria, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

HAUBRICHT, Daiane Maria; FIORINI, Franciele Aparecida. Percepção Ambiental dos Moradores do Assentamento Vila Rural I do Município de Alta Floresta – MT. **Rev. Da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v.12, n.1, p. 248 – 256, jan./jul. 2014.

JESUS, Marlene Rosa de: depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

KNUPFER, Otto, depoimento [abril, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

LOURENÇO, A. R. A luta pela terra no município de Campo do Meio (MG). In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 25, 2010, Porto Alegre - RS. **Anais...** Porto Alegre - RS: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010. p.1-13.

LUZ, Christian Linck da. **Percepção Ambiental de uma comunidade escolar sobre os Juncais da Lagoa Itapeva, Torres, RS, Brasil**. 2012. 219f. Tese de Doutorado – Instituto de Geociências – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LUCAS, Davi Ribeiro, depoimento [abril, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

MACEDO, Vera, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

MIRANDA, Nascimento Marques de; SOUZA, Lucas Barbosa e. Percepção Ambiental em propriedades rurais: Palmas (TO) – Brasil. **Rev. Mercator**, Fortaleza, v.10, n. 23, p .171 – 186, set./dez. 2011.

RODRIGUES, Maciel, depoimento [abril, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

ROMANO, Josefa Dias da Silva, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

SILVA, Dorival Siqueira, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

SILVA, Isabelly, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

SILVA, José, depoimento [maio, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

TEIXEIRA, Raquel Silva, depoimento [abril, 2015]. Entrevistadores K. Salviano e P. Vianna: Campo do Meio. Entrevista concedida para o artigo: Percepção ambiental: Acampamento dos sem terra – Campo do meio – MG

Usina Ariadnópolis Campo do Meio. Local: Usina Ariadnópolis, Campo do Meio/MG. Editoração e Imagens de Márcio Araújo Azevedo, 2008. Documentário, 14'57''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FG13n5mkNxs>. Acesso em: maio. 2012.

Usina Ariadnópolis - Vestígios de uma história há tempos perdida- Local: Usina Ariadnópolis, Campo do Meio/MG Editoração e Imagens Jaiane Cristina Rodrigues, 2008. Documentário, 8'32''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-M4Wyoc-grM>. Acesso em: maio. 2012.